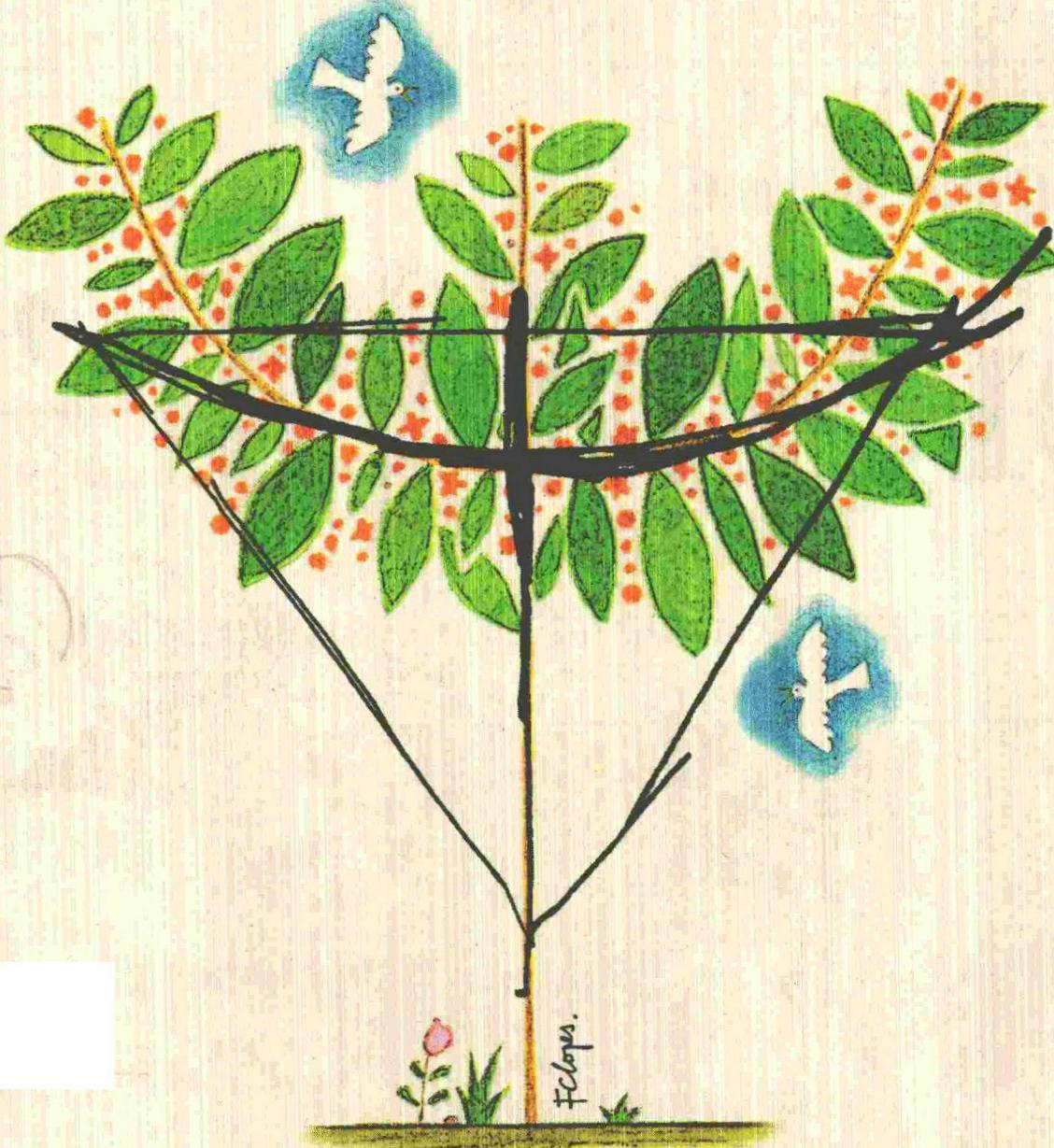


Pasta

DF- Brasília



# Ainda Brasília

» TEREZA CRUVINEL  
Jornalista, é presidente da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

**A**inda é tempo de falar dos 50 anos de Brasília. Aliás, a celebração do cinquentenário não pode ficar restrita ao 21 de abril que passou. Deve estender-se por todo este resto de ano. Assim faremos na TV Brasil, assim farão outras instituições da cidade. Mas a passagem do 21 de abril evidenciou a grande intolerância com a cidade. Muitos foram os registros corretos, alguns compreensivelmente eufóricos, mas outros foram preconceituosos e desinformados. Escreveu-se muita bobagem repetindo a rasteira confusão entre a cidade — seus habitantes, sua singularidade urbana, seus vícios e suas virtudes, sua beleza e seu espírito de síntese do Brasil — com o quadrilátero que abriga o poder federal e o poder local.

É inacreditável que, tantos anos depois, ainda tenham desenterrado avaliações sobre o custo da obra e os recursos nela empregados — malversados ou não. Inacreditável que ainda não se tenha compreendido que, sem Brasília, este sertão vasto e profundo estaria ainda na Idade Média (e eu vivi nela, como já contei aqui) e talvez nem fosse mais brasileiro. Inacreditável que alguns não tenham se rendido a evidências que iluminaram outros espíritos há três séculos: o espírito rebelde dos inconfidentes, o espírito nacionalista de José Bonifácio, o espírito vanguardista de Hipólito José da Costa, fundador deste *Correio Brasiliense*, bem como

o do iluminista Varnhagem ou do desbravador Luis Cruls.

Tudo isso muito antes de JK, que sem dúvida emprestou as esses vislumbres seu espírito realizador. E sem falar, pois disso pouco se falou, da capacidade realizadora de nosso povo. Dos que se mandaram do Nordeste em paus de arara, dos que vieram aqui de Goiás, dos que não hesitaram em deixar o balneário encantado do Rio de Janeiro, mas já inadequado como capital, e da maioria de migrantes que, como eu, veio de Minas, "atravessando o Rio Paranaíba", como dizíamos então. Vieram, viemos, acreditando no sonho de uma civilização brasileira, que se entenderia, como se estendeu, sobre todo o território, deixando de ser a civilização litórfanea do "país dos caranguejos".

Mas de todos os absurdos que li, o mais grave foi a avaliação de um acadêmico, de que a transferência da capital para Brasília propiciou a chegada e a vitória da ditadura. Ela teria vindo de todo modo, por força das injunções políticas criadas. Foi em São Paulo e foi no Rio que se instalaram os mais violentos e bárbaros centros de tortura, de onde desapareceram com tantos brasileiros. Mas nem São Paulo nem o Rio devem ser culpados por isso. Assim como a liberdade, a ditadura não tem pátria nem cidade.

Escreveu-se muita besteira, mas também foram pródigas as recordações. O

nosso arquivo público disponibilizou seu rico acervo inconográfico, através do qual pudemos ver a catedral ainda nos ossos, a Esplanada como cerrado, o lago ainda inexistente ou malformado. Pudemos recordar a Vila Amaury, que o lago engoliu, e ver o Congresso com as lajes ainda expostas. O Núcleo Bandeirante como um grande acampamento e as asas de Brasília ainda como crisálidas.

Falemos de Brasília todo o ano, repudiamos a confusão entre a cidade e os escândalos aqui revelados, personificados pelos daqui ou pelos de fora. Eles são também fruto de um sistema político que o Congresso como um todo — composto por representantes de todos os estados — resiste em reformar. Os tempos são difíceis para nossa capital. Ainda pode haver uma intervenção, federal, mas decisão do Supremo não se discute nem se advinha, respeita-se. Seja como for, o que não podemos permitir é que a conjuntura política local subtraia, como alguns já defendem, o direito dos brasilienses à representação popular. Lutamos pela representação política da capital ao tempo em que não votávamos. Elegermos maus representantes? Certamente. Mas os outros brasileiros também já votaram a cabresto ou no bico de pena. Eram as circunstâncias. Temos as nossas. Vamos mudá-las, mas sem permitir que nos transformem em cidadãos de segunda. Viva Brasília.